

PRAGMÁTICA E TRADUÇÃO: UM MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DO TEXTO*

Suzete Silve**

Resumo: *Todos sabemos interpretar intuitivamente, mas interpretar para traduzir tem suas especificações. Uma interpretação objetiva, que coteja aspectos lingüísticos e não lingüísticos do texto, permite ao tradutor atingir a essência da mensagem do original, bem como lhe facilita a restituição da mesma, no texto traduzido.*

1. Introdução

Entende-se que uma teoria interpretativa¹ da tradução é aquela que leva em conta não somente os aspectos lingüísticos do texto como também seus aspectos não lingüísticos, além de ser a que contempla equitativamente autor e leitor. É consenso em tradutologia que o primeiro, sendo o criador do texto, não pode ser traído, já o segundo tem que ser atraído pela leitura do mesmo, senão não se alcança a finalidade da tradução, que é passar uma mensagem de uma primeira língua (L1) para uma segunda língua (L2). Para se

*Recebido para publicação em abril de 2000.

**Professora Adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa.

¹ O presente artigo se inspira, em grande parte, na seção quatro, "*Théories interprétatives de la traduction*" do primeiro capítulo de minha tese de doutorado na Universidade de Montréal (1999). Trata, além disso, de algumas outras reflexões sobre a tradutologia.

obter uma equivalência pragmática do texto traduzido, é necessário, portanto, que o tradutor apreenda o *querer dizer do autor*, para em seguida reexpressir este querer dizer de tal forma que o *ter compreendido* do leitor final seja aproximado à compreensão que tem o leitor do texto original.

A pragmática se distingue dos estudos lingüísticos pelo fato de que estes dizem respeito a "*forma-sentido*", enquanto que a primeira estuda o uso da linguagem "*forma-sentido-uso*" (MOESCHLER e REBOUL, 1994). A pragmática considera que as expressões lingüísticas só têm sentido numa situação real de comunicação. Portanto, em tradução, a equivalência pragmática seria a expressão da mensagem da L1 no contexto da L2. Por exemplo, num contexto onde se diz "vou sair faça chuva faça sol", em francês se diz "*je sors beau temps mauvais temps*".

No presente artigo apresenta-se, em grandes linhas, duas abordagens básicas da teoria interpretativa da tradução. A deverbalização relacionada à tradução propriamente dita, a interlingual e a pertinência, a intralingual. Em seguida, demonstra-se as etapas do plano de interpretação do texto proposto em GÉMAR (1995 a, b) que orienta a interpretação do leitor/tradutor.

2. A deverbalização

A teoria da deverbalização consiste na integração dos elementos percebidos pelos sentidos com os já arquivados na memória do tradutor. Este, então, reteria em sua memória somente a mensagem, esquecendo-se dos signos lingüísticos da L1, para, em seguida, restituir a mesma através dos signos lingüísticos da L2. SELESKOVICHTH e LEDERER (1993) compararam este processo ao da troca de roupas, o corpo seria a mensagem e os códigos lingüísticos diferentes seriam as diversas vestimentas. Esta teoria surgiu da prática destas autoras como intérpretes de conferência. Elas observaram que o intérprete

retinha na memória discursiva aproximadamente sete ou oito palavras durante alguns segundos antes de integrá-las às informações já existentes em sua memória.

3. A pertinência

Nascida em meados dos anos 80, a teoria da pertinência² resulta de três correntes: a primeira é o gerativismo de CHOMSKY (1969), cujo fundamento é o da linguagem constituída de *uma forma lógica e uma forma fonológica*; a segunda é o cognitivismo de FODOR (1986), com a abordagem da *modularidade do espírito*; a terceira são as implicaturas de GRICE (1979) — a convencional, relacionada à semântica; a conversacional, relacionada à pragmática.

A noção fundamental da teoria da pertinência de SPERBER e WILSON (1989) é a de que o locutor produz um enunciado que é *sócio-contextualmente pertinente*, quer dizer, ele procura com seu enunciado obter o *máximo de efeito contextual com o menor esforço cognitivo*. Portanto, o receptor da mensagem interpreta o enunciado como sendo a melhor informação fornecida pelo locutor.

SPERBER e WILSON (1989) afirmam que, para interpretar um enunciado, o receptor executa três operações: a transdução, que consiste na percepção dos estímulos lingüísticos, geralmente, sonoros ou visuais; a decodificação lingüística, ao identificar estes estímulos; e o tratamento central do conceito, o qual visa à integração dos novos estímulos com aqueles já existentes na memória do indivíduo.

Alguns pesquisadores estão cépticos quanto a esta teoria, por acreditá-la reducionista e não oferecedora de descrições

² Segundo o dicionário *Aurélio do Século XXI*, os termos relevância e pertinência são sinônimos. O termo relevância vem do título original em inglês *Relevance. Communication and Cognition* de SPERBER e WILSON (1986), enquanto que o termo pertinência, que se emprega neste artigo, vem da sua tradução francesa: *La pertinence, communication et cognition* (1989).

detalhadas dos fenômenos lingüísticos. Outros, entretanto, acham que ela é o que há de “*mais desenvolvido para uma teoria da interpretação lingüística*” (NOLKE, 1994:54) ou a consideram como “*uma teoria geral da interpretação e da comunicação*” (MOECHLER, 1989:109).

4. O método de interpretação do texto

A interpretação, entendida no sentido mais amplo da palavra, aparece com a emergência do Homem que, para sobreviver, desenvolveu a capacidade de compreender as mensagens percebidas por seus sentidos. Entendida de uma forma mais restrita, é o processo utilizado pelo tradutor para entender a mensagem ouvida ou lida numa língua estrangeira, para em seguida restituí-la, geralmente, em sua língua materna, de forma oral, se intérprete, ou de forma escrita, se tradutor propriamente dito.

A interpretação tem muitas variáveis. A leitura de um texto de distração não é feita da mesma maneira como se lê um texto científico; um intérprete de conferência não age da mesma forma que um tradutor ou etnólogo. Além disso, a interpretação é um ato único, comparável ao código genético de cada indivíduo. Ela depende não só dos conhecimentos lingüísticos como também da bagagem cultural do leitor/tradutor (GÊMAR, 1995 a).

PERELMAN (1977) afirma que, em ciências humanas, a interpretação múltipla seria a regra geral, e que, além de ela ser seletiva, pode ser também criativa. No entanto, SELESKOVITCH e LEDERER (1993) acreditam que o leitor/tradutor deve interpretar o *querer dizer do autor*, cabendo ao leitor final a interpretação múltipla. O texto traduzido deve despertar nesse leitor a mesma *semelhança interpretativa* que experimenta o leitor do texto original (LEDERER, 1987; GUTT, 1991).

Numerosos pesquisadores como BALCERZAN (1970), SELESKOVITCH e LEDERER (1993), GÊMAR (1995 a, b) afirmam que

para traduzir é necessário interpretar. Segundo MESCHONNIC (1994), “*pour comprendre, il faut interpréter et (...) pour traduire (...) il faut d’abord avoir compris et donc (...) la traduction est nécessairement une interprétation*” (apud GÉMAR, 1995 a:151). Mas então, como interpretar?

GÉMAR (1995 a, b) propõe um plano de interpretação do texto que possibilita cotejar os aspectos lingüísticos e não lingüísticos do mesmo. Este plano permite ao leitor/tradutor examinar o texto sob diversos ângulos, abordar objetivamente o *querer dizer do autor*, atingindo desta forma a essência da sua mensagem e enfim restituí-la adequadamente no texto traduzido.

O autor apresenta seu modelo como *um método de auto-aprendizado ou de aperfeiçoamento para o tradutor* (1995 b:163). Não só concordamos com GÉMAR, como vimos também em seu método um parâmetro para interpretar objetivamente qualquer texto.

Acreditamos que o *plano de interpretação do texto* de GÉMAR (1995 a, b) responde à questão colocada mais acima neste artigo: como interpretar? Todos sabemos interpretar intuitivamente; entretanto, o leitor profissional pode interpretar de forma objetiva, guiada. Entende-se portanto que, uma vez sistematizada esta prática de interpretação, ela possibilitará ao leitor/tradutor não somente um ganho de tempo, como também uma fiabilidade em seus trabalhos de tradução.

As etapas de abordagem do texto a traduzir são, em princípio, em cinco níveis conforme apresentamos sucintamente.

4.1 Da semântica

O leitor pode possuir uma compreensão aproximada do texto, mas o leitor profissional deve ter uma compreensão aprofundada, fina do texto. No exemplo 1), abaixo, pode-se notar que o especialista traduziu o *querer dizer do autor*. Entretanto, a oposição entre os verbos “ser” e “estar”, na língua portuguesa, nem sempre é perceptível por parte de seus usuários. O tradutor restituiu em francês o sentido

dado pelo autor, apesar de sua língua não dispor de verbos distintos para exprimir estados permanentes e momentâneos como existem em português e espanhol.

1a) Você é triste, Bié?

Sô não, só tô (AMADO, 1958: 434).

Traduzido em francês:

b) *Je ne suis pas triste de nature, c'est un état passager*³.

4.2 Da sintaxe

Neste nível, o tradutor compara mentalmente as estruturas de sua língua com as da língua que está traduzindo, descobre a coerência e a coesão do texto, as macro e microestruturas do mesmo. No exemplo 2), abaixo, a estrutura sintática da segunda proposição em francês é constituída dos sintagmas nominal (SN), verbal (SV), e do sintagma complemento (SN) explícitos. No entanto, na tradução em português brasileiro, a mesma proposição é constituída apenas de um SV, pois esta língua admite, em certos casos, o sujeito e o complemento verbal nulos morfologicamente.

2a) *Il s'est fait connaître [et il m'a dit] je vous connais depuis toujours* (DURAS, 1984:9).

Traduzido por:

b) Apresentou-se [e disse]. Eu a conheço há muito, muito tempo⁴.

³ Apud SILVE (1984). Tradução de Georges Boisvert (1983).

⁴ Apud SILVE (1999). Tradução de Rodrigues (1985).

4.3 Da gramática do texto

O tradutor, identificando os elementos constitutivos da frase, as concordâncias nominal, verbal; os tempos verbais, etc., consegue desvendar também o sentido do texto. Nesse nível de leitura, ele percebe que o agenciamento do sistema verbal de uma língua pode diferir internamente dependendo da área do conhecimento a traduzir, bem como não corresponder exatamente ao de uma outra língua. Por exemplo, num contexto onde a língua francesa emprega, geralmente, o futuro do presente, a portuguesa prefere empregar locução com o auxiliar no futuro do pretérito, como ocorre em:

3a) Jorge *quitta* Isabel à midi: il ne la *verra* plus jamais.
(TEYSSIER, 1976: 205).

Traduzido por:

b) Jorge **deixou** Isabel ao meio dia: nunca mais a **tornaria a ver**⁵.

4.4 Da palavra ao termo⁶

A comparação dos termos na língua do texto de origem com os do texto da língua de chegada é também uma condição necessária para uma boa interpretação. Por exemplo, a simples palavra "*river*" em inglês pode evocar diferentes conceitos segundo seu receptor. Enquanto que para um leitor não-especialista, ela evocaria apenas a idéia de rio, riacho, para um geógrafo evocaria também a questão de sua navegabilidade, extensão, profundidade, etc, já para um jurista evocaria a questão de fronteiras, os direitos sobre suas margens, etc. (GÉMAR, 1995 a:196).

⁵ Os itálicos e negritos são de TEYSSIER. Segundo este autor, "o francês usa, neste caso, o futuro histórico e o português aplica a regra de concordância de tempo" (p. 205).

⁶ Segundo Gémar (1995 a: 234), em terminologia, "palavra" designa um morfema da língua geral, enquanto que "termo" qualifica um termo ou expressão da língua especializada.

BALCERZAN (1970) demonstra uma das dificuldades de tradução para o polonês de alguns termos do espanhol como “*mariposas*” e “*jacarandá*” na obra o *Canto General* de Pablo Neruda. Quando Neruda escreve “*jacarandá*” e as “*mariposas de Muzo*”, ele tem em mente as borboletas azuis e a árvore coberta de flores de cor violeta, pois *estas cores estão inseridas nestes termos e pertencem ao mundo real do autor*. Contudo, o tradutor, para restituir essas imagens em polonês, deve explicitar “as borboletas azuis de Muzo” e o “jacarandá coberto de flores violetas” uma vez que a extensão do sentido desses dois termos não é a mesma nestas duas línguas.

Uma tradução⁷, que possibilita um entendimento profundo do texto, reduziria a ocorrência de termos como *escanear e escaneamento* já dicionarizados. O computador, funcionando no sistema binário 0 e 1, transforma letras ou imagens em números, desta forma, os termos *numerizar, numerização* seriam mais adequados, no nosso entender, para designar este processo. Portanto, com a base *número* existente em português, ampliam-se seus campos de abrangência, sem a necessidade de se recorrer a palavras estranhas às nossas origens.

4.5 Do estilo, da forma e do sentido

Este é o nível de interpretação mais apurado, o que permite ao tradutor identificar o tom do discurso, de verificar se sua interpretação atingiu o sentido expresso pelo autor.

Segundo GÉMAR (1995 a, b), o autor visa a certos efeitos com seu estilo, para ele significativos. A questão do estilo se torna delicada, porque, sendo significativo, deve ser restituído. De fato, atualmente, um dos grandes desafios com que deparam os tradutores seria, como traduzir, reproduzindo os efeitos estilísticos com os meios e recursos

⁷Recordamos os sete procedimentos de tradução: tradução literal, livre, empréstimo, calque, transposição, adaptação e equivalência.

da língua de chegada e como neutralizar seu próprio estilo.

Vimos, na seção 4.1 **Da semântica**, que o tradutor preferiu, ou evitou, ou não pôde reproduzir a “usura fonética⁸” da fala da personagem de AMADO “sô não, só tô”.

Quanto ao nível da forma, temos mais abaixo um modelo exemplar de como restituir a informação dada pela forma da palavra.

4a) *Mea culpa*

C'est ma faute

C'est ma faute

C'est ma très grave faute d'orthographe

Voilà comme j'écris

Giraffe

(PRÉVERT, 1985:38-9)

Traduzido por :

4b) *Mea culpa*

Minha culpa

Minha culpa

Minha máxima culpa em ortografia

Veja como escrevi

Bassia

(LARANJEIRA, 1996:221).

O tradutor, empregando *bacia* com dois ss, cometeu o “mesmo erro ortográfico” de Prévert ao escrever *girafe* com dois ff, manteve, entretanto, a rima do poema, pois *bassia* rima com *ortografia*. Porém,

⁸ TEYSSIER (1976: 187-8) afirma que: “na língua popular do Brasil, a morfologia dos verbos se transformou seja por usura fonética, seja por unificação de paradigmas (...). Estas formas, consideradas incorretas, são freqüentemente usadas pelos romancistas contemporâneos que desejam imitar este traço da língua popular.

LARANJEIRA ressalta que este tipo de tradução, perfeitamente admissível em texto poético, não o seria num texto utilitário.

Uma tradução que só levaria em conta o sentido da palavra (veja o exemplo 4 c) seria aquela em que se traduziu “giraffe” por “girrafa”. Mas, neste caso, o tradutor privilegiando o conceito, negligenciou a sonoridade do poema, uma vez que ortografia não rima com girafa.

4c) *Mea culpa*

Errei

Errei

Que enorme erro de ortografia

Eis como escrevi

Girrafa⁹.

5. Considerações finais

Num contexto onde as fusões de toda ordem se multiplicam, em traductologia não se pode fugir à regra. GÉMAR (1995 a, b) também reduziu a três as cinco etapas do *plano de interpretação do texto*, aqui expostas. No primeiro volume do livro, *Traduire: l'art d'interpréter*, “Princípios”, este autor introduziu os cinco aspectos de uma abordagem objetiva do texto a traduzir; já no segundo volume, “Aplicações”, agrupou aos aspectos da sintaxe os da gramática do texto; o aspecto da palavra ao termo foi redimensionado, ficando assim o resultado desta fusão: a) aspectos sintáticos, b) estilísticos, c) semânticos.

O que se pretendeu, neste artigo, foi demonstrar que uma interpretação objetiva é possível; que ela permite analisar o texto

⁹ Apud LARANJEIRA, Sens et signification dans la traduction poétique, *Meta*, XLI, 2, 1996. Tradução de Silvano Santiago.

sob vários ângulos; que é um método eficaz que proporciona ao leitor profissional um parâmetro para realizar seu trabalho de tradução.

Résumé : *Nous savons tous traduire intuitivement, mais interpréter pour traduire a ses spécificités. Pour déceler les aspects linguistiques et non linguistiques du texte, le traducteur doit interpréter objectivement le texte à traduire pour atteindre l'essence du message du texte original et ainsi la restituer dans le texte traduit.*

Referências bibliográficas

- AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Martins 1958.
- AMADO, J. *Gabiela, girofle et cannelle*. Paris: Stock 1971.
- BALCERZAN, E. La traduction, art d'interpréter. In HOLMES, J. S. (org). *The nature of translation, essays on the theory and practice of literary translation*. Bratislava: Publishing House of the Sloval Academy of Sciences, 1970, p.3-22.
- CHOMSKY, N. *Structures syntaxiques*. Paris: Seuil, 1969.
- DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico século XXI, versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- DURAS, M. *L'amant*. Paris: Minuit, 1984.
- DURAS, M. *O amante*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FODOR, J. *La modularité de l'esprit*. Paris: Minuit, 1986.
- GÉMAR, J-C. *Traduire ou l'art d'interpréter*, principes. Sainte Foy: Presses de l'Université du Québec, 1995 a, v. 1.
- GÉMAR, J-C. *Traduire ou l'art d'interpréter*, applications. Sainte Foy: Presses de l'Université du Québec, 1995 b, v. 2.
- GRICE, H. P. Logique et conversation. *Communications*, v. 30, p. 57-72, 1979.
- GUTT, E.-A. *Translation and relevance cognition and context*. Oxford: Blackwell, 1991.

- LARANJEIRA, M. Sens et signifiante dans la traduction poétique. *Meta*, XLI, 2, 1996, p. 217-222.
- LEDERER, M. La théorie interprétative de la traduction. *Le français dans le monde*, 1987. Ago/set. p. 11-17.
- NØLKE, H. *Linguistique modulaire: de la forme au sens*. Louvain: Peeters, 1994.
- MESCHONNIC, H. Poétique et politique du traduire. *Équivalences*, v. 241, 1994.
- MOESCHLER, J. *Modélisation du dialogue, représentation de l'inférence argumentative*. Paris: Hermès, 1989.
- MOESCHLER, J. *Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle*. Paris: Armand Colin, 1996.
- MOESCHLER, J., REBOUL, A. *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique*. Paris: Seuil, 1994.
- PERELMAN, C. *L'empire rhétorique, rhétorique et argumentation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1977.
- PRÉVERT, J. *Poemas*. Seleção e tradução de Silviano SANTIAGO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- SELESKOVITCH, D., LEDERER, M. *Interpréter pour traduire*. 3. ed. Paris: Didier Érudition, 1993.
- SILVE, S. *Amado et ses traducteurs français*. Paris: Université de Paris III. 1984. Dissertation (Mémoire de maîtrise)-Université de Paris III, 1984. 98 p.
- SILVE, S. *Étude comparative de quelques connecteurs pragmatiques dans des textes écrits en français avec leur traduction en portugais brésilien*. Montréal: Université de Montréal, 1999. Thèse (PhD Linguistique, Option, Traduction)-Université de Montréal, 1999. 220 p.
- SPERBER, D., WILSON, D. *La pertinence, communication et cognition*. Paris: Minuit, 1989.
- TEYSSIER, P. *Manuel de langue portugaise Portugal-Brésil*. Paris: Klincksieck, 1976.